

## Lembranças de Padre Amirat

Altair José Estrada Junior

Toda vez que faço aniversário, entre outras tantas lembranças que a data inevitavelmente nos traz à mente, vem a do abraço apertado que recebia todos os anos de Pe. Amirat. Que gentileza, que carinho para conosco que o ajudávamos ali naquele velho Bom Jesus de outrora ainda dirigido pelos padres jesuítas. E não era só o abraço! Como esquecer do presente que sempre nos dava: uma garrafa de vinho “Canônico”, do que os padres usavam na missa (tenho uma guardada ainda, de lembrança!), e uma caixa de bombons, tudo embrulhado em papel de presente e acondicionado num saquinho... e sem faltar o cartão com uma carinhosa mensagem escrita naquela letra tão bonita da qual – confesso – roubei alguns rebusques para a minha. Durante muitos anos depois de sua partida de Itu ainda me ligava para cumprimentar, com sua voz entusiasmada e seus célebres chavões: para ele – dizia –, enquanto ficava “mais velho e caduco”, todos ficavam “mais jovens e bonitos...” Que saudade!

Quando, no finalzinho de 2008, fiquei sabendo da transferência do Pe. Amirat de Itaici para a casa de saúde dos jesuítas, em Belo Horizonte, comentei com familiares e amigos: “ficaremos sabendo de sua morte bem depois, quando já enterrado”. Acertei, infelizmente. A notícia de seu passamento chegou a Itu uma semana depois, quando se celebrava já o sétimo dia...

Filho de Pedro Amirat e Priscila Moraes Navarro, Ranulpho Moraes Amirat nasceu em Itu, aos 27 de maio de 1923. Seu avô paterno, o arquiteto Louis Amirat, entre outras obras, foi quem projetou o Santuário Nacional do Coração de Jesus, anexo à Igreja do Bom Jesus. A convite do Pe. Luís Yabar, de quem era coroinha no Bom Jesus, ingressou na Escola Apostólica da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, em 1936, professando na Ordem em 1940. Ordenou-se sacerdote em 18 de junho de 1952 na cidade de West Baden, Estado de Indiana, nos Estados Unidos, onde concluiu seus estudos de Teologia. Ainda nos Estados Unidos, fez o doutorado em física nuclear, na Standford University, na Califórnia.

Retornou ao Brasil seis anos após ordenado. Só então pôde cantar sua primeira missa na terra natal. Achava curioso o fato de ter celebrado sua primeira missa já com seis anos de padre. Contava que quem o assistira no altar foi o conterrâneo, Pe. Arthur Sampaio. Foi então reitor do Colégio Anchieta e diretor da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, em Nova Friburgo. Depois, vice-reitor do Instituto de Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

No início de 1968 veio a Itu para passar umas férias que – misteriosamente – acabaram durando 24 anos, até o dia 3 de agosto de 1992, quando transferido para Itaici, residência dos jesuítas em Indaiatuba, após a Companhia ter decidido encerrar suas atividades em Itu e entregar a igreja do Bom Jesus à Diocese.

Pe. Amirat era um sacerdote exemplar. Nos quase 25 anos em Itu, lembro-me de ter tirado cinco dias de “férias”, para uns exames, em Itaici. Cumpria com precisão seus compromissos sacerdotais. Vivia para isso, nada mais. Não havia dia em que não abrisse ele mesmo a igreja, acendesse as luzes, preparasse para a missa, celebrasse. Com a piedade e zelo de sempre... e os olhos baixos, como mandava a Liturgia. Não havia dia em que não fosse visto rezando o breviário e o terço no corredor da sacristia, no mesmo horário, à espera dos penitentes para a confissão.

Homem notável, de um conhecimento prático invejável. Acredito que não haja, nas dependências do Bom Jesus, um só metro quadrado onde não tenha posto a mão, feito uma

instalação elétrica, uma melhoria. O sistema de som da igreja, por ele mesmo fabricado, era o melhor da cidade. Quanta coisa aprendi com ele, ora na carpintaria da casa, ora nos arrastando entre as toras do forro da igreja para consertar uma ligação danificada. Que diversão – e temeridade – quando resolvemos fazer juntos a manutenção na cruz da igreja, à época cravejada de lâmpadas vermelhas: escadas, cordas, alicates, arames... e uma perna tremendo como vara verde de medo da altura.

Em sua longa permanência em Itu, arquitetou uma verdadeira engenhosidade: o “Presépio Mecânico do Bom Jesus”. Com a ajuda de habilidosos marceneiros e artistas, montou uma verdadeira cidadezinha no então desativado Teatro São Domingos, nos fundos da residência jesuíta, com uma mini fazenda, circo, baile, parque de diversões, orquestra, toureada, trenzinhos, procissão e tudo que se possa imaginar, além, é claro, do presépio propriamente dito, com vaquinha e bozinho a balançarem a cabeça diante do Menino Jesus. Durante mais de uma década o presépio funcionou no tempo do Natal, trazendo alegria e diversão às crianças e – por que não dizer – aos adultos que se embeveciam pela criatividade dos conjuntos que se movimentavam, alguns por meio de fichas que eram colocadas numa caixinha e que acionavam temporizadores também idealizados por Pe. Amirat. Quando o desmontamos, já bastante deteriorado porque desativado já há alguns anos, deu-me praticamente todo o material, reservando para si somente o trenzinho, seu xodó. Trenzinho que me foi entregue momentos antes de sua partida de Itu. Dissera-me que era algo de estimação e que desejava deixar com alguém que esperava zelasse por ele.

Lembro-me com saudade das longas prosas na sacristia, enquanto limpávamos as velinhas. Conversas sempre recheadas de apurado conhecimento religioso e científico. Tinha sempre a explicação que buscávamos, com didática de verdadeiro professor. Lembro-me da festa que fazia quando chegávamos, mesmo que ali estivéssemos todos os dias. Sempre com uma brincadeira, uma conversa bem humorada, e a famosa e sonora gargalhada que o projetava para trás. Tudo naquele Bom Jesus que não mais existe, que ficou num passado já distante. Seus sermões eram extremamente práticos: tinha uma coleção de apontamentos para cada domingo do ano em pequenas folhas de papel jornal, escritos em caneta azul, com trechos destacados em lápis vermelho. E quando trazia para o sermão dominical o Código de Direito Canônico! Sinal que vinha chumbo grosso na pregação.

Seus últimos anos em Itu foram um tanto tumultuados. Estava assoberbado pelas tarefas da residência, cansado. Afinal, era o que os jesuítas denominam “ministro da casa”, responsável pelo dia-a-dia daquele enorme e antigo prédio, com todas as suas dependências. Levantava-se às 3 horas da manhã e ia se deitar pelas 9; não costumava fazer nem a sesta, tão costumeira aos padres depois do almoço. Pouco a pouco foi deixando seus compromissos externos, como o de celebrante das missas das sete horas na Matriz, de capelão do Patrocínio e professor da Faculdade de Filosofia, para dedicar-se inteiramente à casa e ao movimento religioso que o Bom Jesus tinha.

Embora dono de uma mente brilhante, Pe. Amirat, com menos de 70 anos, foi transferido de Itu a Itaiçuba onde lhe deram a função de controlar o volume do som da igreja daquela comunidade. Dia após dia ia se aniquilando cada vez mais, seja pelo corte abrupto de responsabilidades que lhe foi imposto, seja pela ausência de um compromisso à altura de sua capacidade. Quase no fim da vida, ainda em Itaiçuba, conseguiram arrancar-lhe a batina negra da qual tanto se orgulhava. No final de 2008 – houve em Itaiçuba quem contasse – entrou num carro ciente de que se dirigia ao médico para uns exames. Mas, no meio do caminho, como o médico demorasse a chegar, soube que era conduzido a Belo Horizonte...

Na sua derradeira casa, desacostumado ao novo ambiente, um tombo abriu-lhe a cabeça, abalando bastante a sua saúde. No final de maio, já surdo e debilitado, esteve alguns

dias internado por conta de uma pneumonia. Apesar da alta e do retorno para casa, não resistiu. Morreu aos 87 anos no dia 12 de junho, uma sexta-feira do mês do Coração de Jesus, dia em que terminaria, outrora, a trezena de Santo Antonio, para ser sepultado no dia do santo a quem tinha tanta devoção. Um sábado, também dedicado a Nossa Senhora, 13 de junho de 2010.

Não houve sequer um comunicado de sua morte à cidade de Itu, onde nasceu, cresceu e trabalhou por muitos anos, senão uma semana depois. Nem mesmo de outros jesuítas ligados à cidade. Ninguém de seus amigos soube, nem mesmo a tempo de celebrar o seu 7.º dia. Igual a quando subitamente carregado de Itaici, como que para que ninguém dele pudesse despedir-se. Para nós, acostumados a viver em família, cultivando laços de carinho e amizade pelas pessoas, foi difícil entender coisa como aquela. Certa vez, na minha adolescência, pedi ao provincial jesuíta que mantivesse um padre em Itu porque era querido, amigo nosso. Respondeu-me com um sorriso irônico: “Jesuíta não é isso...”. Hoje entendo que não era mesmo.

Tentei falar com Pe. Amirat em seu último aniversário, em 27 de maio. Não transferiram a ligação. Disseram-me que estava impossibilitado de atender ao telefone e lhe transmitiriam os meus cumprimentos. Foi uma pena. Queria ouvir, mesmo que não se lembrasse mais de mim, aquele “Deus lhe abençoe e recompense um milhão por cento”. Encontrei-me com o mestre e amigo pela última vez em dezembro de 2007, quando então tive a graça de vê-lo abençoar a meu filho, ainda no ventre materno, e de sentir aquele costumeiro abraço, apertado...

Hoje, ao ensejo de seu centenário de nascimento, reúno estas poucas lembranças, tão insignificantes diante de tudo que foi e que representou em minha infância e juventude Pe. Ranulpho Amirat. Mas que se esforcem por traduzir um profundo sentimento de gratidão e saudade.